

Frances Hodgson Burnett foi educada em um seminário de elite até os 15 anos, quando os negócios da família faliram. Hodgson, então, começou a escrever, a fim de complementar a renda familiar, assumindo total responsabilidade pela família após a morte de sua mãe, em 1870. Em 1872 ela se casou com o dr. Swan Burnett, com quem teve dois filhos, Lionel e Vivian. O casamento foi dissolvido em 1898. Seu segundo matrimônio, com o ator Stephen Townsend, realizado em 1900, durou apenas dois anos. Ela morreu em sua casa em Long Island, Nova Iorque, em 1924. Seus romances mais famosos são *O jardim secreto*, *A princesinha*, *O pequeno lorde*, entre outros.

Sara Crewe, uma aluna excepcionalmente inteligente, dedicada e criativa do Seminário Exclusivo para Jovens Moças da Senhorita Minchin, fica arrasada com a morte de seu pai. Sem dinheiro e enxotada para um quarto no sótão, ela é humilhada e forçada a trabalhar como empregada. Dias de solidão somam-se à tristeza de ter perdido a pessoa que mais amava. Mas não importa o quão terrível as coisas fiquem, Sara sempre tem sua imaginação e bondade no coração para conduzi-la rumo a um futuro que, ela tem certeza, será melhor.



TEXTO INTEGRAL TRADUZIDO DO ORIGINAL EM INGLÊS

Principis



A Princesinha



FRANCES HODGSON BURNETT

A Princesinha

FRANCES HODGSON BURNETT



Principis

Frances Hodgson Burnett

D. A.
Princesinha



Principis

Frances Hodgson Burnett

D. A.
Princesinha

Tradução
Carla Bitelli



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
A little princess

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Frances Hodgson Burnett

Imagens
Ruslana_Vasiukova/shutterstock.com;
Ola-ola/shutterstock.com

Tradução
Carla Bitelli

Revisão
Erika Jurei
Cleusa S. Quadros

Texto publicado integralmente no livro *A princesinha*, em 2019,
na edição em brochura pela Ciranda Cultural. (N.E.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B964p Burnett, Frances Hodgson
A princesinha / Frances Hodgson Burnett ; traduzido por Carla
Bitelli. - Jandira, SP : Principis, 2021.
224 p. ; 15,5cm x 22,6cm. – (Clássicos da literatura mundial)
Tradução de: A little princess
ISBN: 978-65-5552-270-9

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura inglesa. I. Bitelli, Carla.
II. Título. III. Série.

2020-3107

CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Sara.....	7
Uma aula de francês.....	18
Ermengarde	25
Lottie	33
Becky	42
As minas de diamante	53
De novo as minas de diamante.....	64
No sótão.....	86
Melquisedeque.....	97
O cavalheiro indiano.....	109
Ram Dass.....	121
O outro lado da parede.....	131
Uma miserável.....	140
O que Melquisedeque ouviu e viu.....	151
A Magia.....	157
O visitante	182
“É a menina!”	198
“Eu tentei não ser”	206
Anne.....	218



Sara

Certa vez, em um dia escuro de inverno quando a névoa amarelada ficava tão densa nas ruas de Londres que os postes tinham de ser acesos e as vitrines ficavam embaçadas, como costumava acontecer à noite, uma menina de aparência estranha... seguia com o pai em uma carruagem conduzida... bem lentamente por amplas vias.

Ela sentava-se em cima dos próprios pés e se recostava no pai, que a segurava nos braços, enquanto ela encarava pela janela os transeuntes com uma contemplação esquisita e antiquada em seus olhos grandes.

Era uma menina tão nova que ninguém esperaria ver um olhar desses em seu rostinho. Teria sido um olhar estranho para uma criança de 12 anos e Sara Crewe tinha apenas 7. No entanto, o fato era que ela estava sempre sonhando acordada e pensando em coisas diferentes, ela mesma não conseguia se lembrar de qualquer momento em que não estivera pensando sobre adultos e o mundo ao qual eles pertenciam. Ela sentia como se já tivesse vivido por muito, muito tempo.

Neste momento, ela se recordava da viagem a Bombaim que acabara de fazer com o pai, o capitão Crewe. Pensava no grande navio, nos *lascars*,

marinheiros ou militares indianos, andando para lá e para cá em silêncio, nas crianças brincando no convés quente, e em algumas das jovens esposas de oficiais que costumavam tentar fazê-la conversar com elas e davam risada das coisas que a menina dizia.

Em especial, ela pensava em como era esquisito que, em um instante, uma pessoa estava na Índia sob um sol ardente e logo depois no meio do oceano, para então ser conduzida em um veículo estranho, por ruas estranhas, onde o dia era escuro como a noite. Ela achou isso tão confuso que se aproximou do pai.

– Papai – chamou com uma vozinha baixa e misteriosa que era quase um sussurro. – Papai.

– O que é, querida? – respondeu o capitão Crewe, puxando-a para perto e baixando o olhar para ver o rosto da filha. – Em que a Sara está pensando?

– É este o lugar? – sussurrou ela, aconchegando-se ainda mais nele. – É aqui, papai?

– Sim, Sarinha. É aqui. Enfim chegamos.

Embora ela tivesse apenas 7 anos, sabia que o pai estava triste quando disse isso.

Parecia fazer muitos anos desde que ele começou a preparar a mente dela para “o lugar”, como ela sempre chamava. A mãe tinha morrido quando ela nasceu, então nunca a tinha conhecido ou sentido saudade. Seu pai, jovem, bonito, rico, carinhoso, parecia ser o único parente que ela tinha no mundo todo. Eles sempre brincavam juntos e gostavam demais um do outro. Ela só sabia que o pai era rico porque ouvira as pessoas comentarem quando achavam que não estava escutando; também as ouvira dizer que ela seria rica quando crescesse. Sara não sabia o que significava ser rico. Sempre tinha vivido em um lindo bangalô e havia se acostumado a ver muitos criados que lhe faziam salamaleques, a chamavam de “senhorita *sahib*¹” e deixavam que ela fizesse tudo o que quisesse.

¹ *Sahib* é um pronome de tratamento em híndi. (N. T.)

A PRINCESINHA

Ela havia tido brinquedos, bichinhos de estimação e uma camareira que a reverenciava, e pouco a pouco aprendera que as pessoas ricas tinham essas coisas. Contudo, isso era tudo o que sabia sobre o assunto.

Durante sua vida ainda curta, apenas uma coisa a havia incomodado, e essa coisa era “o lugar” para onde seria levada um dia. O clima da Índia não fazia bem para crianças, e elas eram enviadas para longe dele o mais rápido possível, em geral para a Inglaterra e para a escola. Ela tinha visto outras crianças partirem e havia ouvido seus pais e suas mães falarem sobre as cartas que recebiam delas. Ficara sabendo que seria obrigada a ir também e, embora por vezes, as histórias de seu pai sobre a viagem e o novo país a tivessem interessado, Sara havia atormentado-se pela ideia de que ele não poderia ficar com ela.

– Você não poderia ir para o lugar comigo, papai? – perguntara ela quando tinha 5 anos. – Não poderia ir para a escola também? Eu o ajudaria com as lições.

– Mas você não vai precisar ficar muito tempo lá, Sarinha – era o que ele sempre respondia. – Você vai para uma casa bacana onde moram várias outras meninas, vai brincar com elas, eu vou lhe mandar muitos livros, você vai crescer tão rápido que mal vai parecer ter passado um ano antes de estar grande e esperta o bastante para voltar e cuidar do seu papai.

Ela tinha gostado de imaginar isso. Cuidar da casa para o pai; andar a cavalo juntos e sentar-se à ponta da mesa durante os jantares que ele organizava; conversar com ele e ler seus livros, isso seria o que ela mais amaria no mundo, e se uma pessoa precisasse ir para “o lugar”, na Inglaterra para conseguir fazer isso, ela iria se convencer a ir.

Sara não se importava muito com as outras meninas, mas se tivesse muitos livros poderia se consolar. Ela gostava de livros mais do que de qualquer outra coisa e, na verdade, estava sempre inventando histórias sobre coisas lindas e contando-as para si mesma. Por vezes, ela havia contado para o pai que tinha gostado delas tanto quanto ela.

– Bem, papai – disse ela suavemente –, se já estamos aqui acho que é melhor nos conformarmos.

Ele deu risada da sua frase antiquada e a beijou. Ele não estava nem um pouco conformado, embora soubesse que deveria manter isso em segredo. Sua excêntrica Sara tinha sido sua grande companheira, e ele sentia que iria se tornar um homem solitário quando, em seu retorno para a Índia, entrasse em seu bangalô, sabendo que não deveria esperar que uma pequena figura em seu traje branco viesse correndo cumprimentá-lo. Por isso, ele a abraçou com mais força conforme a carruagem rolava na direção do largo grande e enfadonho no qual ficava a casa que era o destino deles.

Era uma casa grande, sem graça, de tijolinhos, exatamente como todas as outras ao seu lado, mas na porta daquela brilhava uma placa de latão, na qual estavam gravadas as seguintes letras em preto:

SENHORITA MINCHIN

Seminário Exclusivo para Jovens Moças

– Chegamos, Sara – disse o capitão Crewe, fazendo com que sua voz soasse o mais alegre possível.

Ele a ergueu, tirando-a da carruagem. Subiram as escadas e tocaram a campainha. Depois do que o capitão disse, Sara pensou por muitas vezes que aquela casa era de alguma forma exatamente como a da senhorita Minchin: era respeitável e bem mobiliada, mas tudo nela era feio; até os braços das cadeiras pareciam ser ossudos. No saguão, tudo era austero e polido, até mesmo as bochechas vermelhas do rosto da lua, no relógio comprido no canto, tinham uma envernizada aparência severa. A sala de estar para a qual foram conduzidos estava coberta por um tapete com um desenho quadrado, as cadeiras eram quadradas e havia um pesado relógio de mármore sobre a pesada cornija de mármore da lareira.

A PRINCESINHA

Ao se sentar em uma das cadeiras de mogno, Sara lançou um de seus olhares rápidos ao redor.

– Não gosto daqui, papai – disse a menina. – Mas ousou dizer que soldados, até mesmo os mais valentes, não gostam de ir para uma batalha.

O capitão Crewe riu abertamente. Ele era jovem, divertido e nunca se cansava de ouvir as conversas esquisitas de Sara.

– Ah, Sarinha! – exclamou ele. – O que farei quando não tiver alguém para dizer coisas solenes para mim? Não existe ninguém tão solene quanto você.

– Mas por que coisas solenes o fazem rir tanto? – inquiriu Sara.

– Porque você fica muito engraçada quando fala essas coisas – respondeu ele, rindo ainda mais. Então, de repente, ele a envolveu em seus braços e a beijou com muita força, parando de rir de repente e parecendo quase como se lágrimas tivessem inundado seus olhos.

Foi nesse exato momento que a senhorita Minchin entrou na sala. Ela era bem parecida com a casa, achou Sara: grande e sem graça, respeitável e feia. Tinha olhos grandes, frios e desconfiados, e um sorriso grande, frio e desconfiado. O sorriso se alargou bastante quando ela viu Sara e o capitão Crewe. Ela tinha ouvido muitas coisas desejáveis a respeito do jovem soldado, que lhe foram contadas por uma dama que havia recomendado a escola para ele. Dentre outras coisas, ela tinha ouvido que ele era um pai rico disposto a gastar bastante dinheiro com sua filha.

– Será um enorme privilégio assumir a responsabilidade por uma criança tão linda e promissora, capitão Crewe – disse a senhorita, pegando a mão de Sara e apertando-a. – Lady Meredith me contou da inteligência fora do comum dela. Uma criança inteligente é um grande tesouro para um estabelecimento como o meu.

Sara se manteve em silêncio, com os olhos fixos no rosto da senhorita Minchin. Ela estava pensando em algo esquisito, como de costume.

“Por que ela diz que sou uma criança linda?”, pensava ela. “Não sou nem um pouco linda. A menininha do coronel Grange, Isobel, é linda.

Ela tem sardas, bochechas rosadas e um cabelo comprido e dourado. Eu tenho o cabelo curto, preto e olhos verdes; além do mais, sou uma criança magra e estou longe de ter a pele clara. Sou uma das crianças mais feias que ela já viu. Ela está inventando história já de início.”

Sara estava enganada, entretanto, de pensar que era uma criança feia. Ela não tinha nada a ver com Isobel Grange, que tinha sido a belezinha do regimento, mas ela possuía um charme próprio. Era uma criatura esbelta e maleável, um tanto alta para a idade e tinha um rostinho intenso e atraente. Seu cabelo era pesado, quase preto e cacheava só nas pontas; seus olhos eram de um verde acinzentado, é verdade, mas eram olhos grandes e maravilhosos, com cílios pretos compridos, e, embora ela não gostasse da cor deles, muitas pessoas gostavam. Ainda assim, ela seguia persistente em se considerar uma menina feia e não ficou nem um pouco lisonjeada com a adulação da senhorita Minchin.

“Eu estaria inventando história se dissesse que ela é bonita”, pensou. “E eu saberia que estaria inventando história. Acho que, do meu jeito, sou tão feia quanto ela. Para que ela falou aquilo?”

Depois de conhecer melhor a senhorita Minchin, Sara entendeu por que ela disse aquilo. A menina descobriu que ela disse exatamente a mesma coisa para cada pai e mãe que trouxe uma criança para aquela escola.

Sara postou-se ao lado do pai e ficou escutando enquanto ele e a senhorita Minchin conversavam. Ela tinha sido trazida ao seminário porque as duas meninas de Lady Meredith haviam sido educadas ali, e o capitão Crewe nutria grande respeito pela experiência de Lady Meredith. Sara seria o que era conhecido como “pensionista de saleta” e iria ter bem mais privilégios que as pensionistas de saleta costumavam ter. Ela teria um belo quarto e uma saleta particular; teria um pônei e uma carruagem; e uma criada que assumiria o posto da aia que tinha sido babá dela na Índia.

– Não estou nem um pouco tenso em relação à educação dela – disse o capitão Crewe com uma risada alegre, enquanto segurava a mão de Sara, dando tapinhas amorosos. – A dificuldade será impedi-la de aprender

A PRINCESINHA

rápido demais e coisas demais. Ela sempre está sentada com o nariz enfiado nos livros. Ela não os lê, senhorita Minchin; ela os engole como se fosse um lobinho em vez de uma menina. Está sempre faminta por novos livros para engolir, e quer livros de adultos, aqueles grandes, grossos, gordos, em francês e alemão, além de em inglês, sobre história, biografias, poetas e todo tipo de assunto. Arraste-a para longe dos livros quando ela lê demais. Faça-a cavalgar no pônei pelo estábulo ou sair para comprar uma boneca nova. Ela precisa brincar mais com bonecas.

– Papai – disse Sara –, mas veja só, se toda vez em que sairmos eu comprar uma boneca nova, em poucos dias terei tantas que nunca vou conseguir gostar de todas. Bonecas precisam ser amigas íntimas. Emily vai ser minha amiga íntima.

O capitão Crewe olhou para a senhorita Minchin, e a senhorita Minchin olhou para o capitão Crewe.

– Quem é Emily? – perguntou a mulher.

– Conte você, Sara – pediu o capitão Crewe, sorrindo.

Os olhos verdes acinzentados de Sara pareciam bem solenes e um tanto suaves quando ela respondeu.

– É uma boneca que eu ainda não tenho – explicou. – É uma boneca que o papai vai comprar para mim. Vamos sair para encontrá-la. Eu a chamei de Emily. Ela vai ser minha amiga enquanto o papai estiver longe. Quero que ela converse sobre ele.

O sorriso grande e desconfiado da senhorita Minchin se tornou muito mais adulator.

– Que criança mais original! – disse ela. – Que criaturazinha mais querida!

– Sim – afirmou o capitão Crewe, puxando Sara para mais perto. – Ela é uma criaturazinha querida. Cuide muito bem dela por mim, senhorita Minchin.

Sara ficou com o pai no hotel por vários dias, na verdade, ficou com ele até que ele embarcou de volta para a Índia. Eles passearam, visitaram

muitas lojas juntos e compraram muitas coisas. Compraram, de fato, muito mais coisas do que Sara precisava, mas o capitão Crewe era um homem jovem, arrojado e inocente, e queria que sua filhinha tivesse tudo do que ela gostasse e tudo do que ele mesmo gostasse, assim, contando, os dois adquiriram um guarda-roupa grande demais para uma criança de 7 anos. Havia vestidos de veludo arrematados com peles caras, vestidos de renda, vestidos bordados, chapéus com penas de avestruz grandes e macias, casacos e regalos de armelino, caixas de luvinhas, lenços e meias de seda em uma quantidade tão abundante, que as educadas moças atrás do balcão cochicharam entre si que aquela menininha com olhos grandes e solenes devia ser, no mínimo, alguma princesa estrangeira, talvez até a filhinha de um rajá indiano.

E por fim encontraram Emily, mas eles passaram por várias lojas de brinquedos e olharam muitas outras bonecas antes de achar aquela.

– Quero que ela não pareça uma boneca na verdade – disse Sara. – Quero que pareça me escutar quando eu falar com ela. O problema com as bonecas, papai... – E a menina tombou a cabeça de lado para refletir enquanto falava. – O problema com as bonecas é que elas nunca parecem escutar.

Por isso, eles procuraram bonecas grandes e pequenas, bonecas com olhos pretos e bonecas com olhos azuis, bonecas com cabelo cacheado castanho e com tranças loiras, bonecas vestidas e bonecas sem roupas.

– Veja só – comentou Sara enquanto eles examinavam uma que não tinha roupa. – Se, quando eu a encontrar, ela não tiver um vestido, podemos levá-la a uma costureira para fazer roupas sob medida. Vão ter um caimento melhor se tivermos feito uma prova.

Depois de uma série de decepções, eles decidiram ir andando para olhar as vitrines e a carruagem os seguiria. Tinham passado por dois ou três lugares sem entrar quando, conforme se aproximaram de uma loja que não era muito grande, de repente Sara parou e agarrou o braço do pai.

– Oh, papai! – exclamou ela. – Ali está Emily!